

REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

ARTIGO | Fluxo contínuo

Onde quarentenaram as crianças? Infâncias desiguais em face da pandemia da Covid-19

Where did children quarantine? Childhood inequalities during the Covid-19 pandemic

¿Dónde pusieron en cuarentena a los niños? Infancias desiguales ante la pandemia de Covid-19

Cibele Noronha de Carvalho
Maria Alice Nogueira

RESUMO

O artigo busca compreender a experiência do distanciamento social de crianças pertencentes a dois estratos sociais distintos. De natureza qualitativa, analisou um conjunto de 65 vídeos produzidos por crianças em seus espaços domésticos. Os resultados mostram que as crianças de grupos favorecidos experienciam a “cultura do quarto” e usufruem de privacidade, conforto e acesso a tecnologias de informação e comunicação. Por outro lado, aquelas de grupos desfavorecidos vivem em espaços reduzidos, adensados, sujeitos ao barulho e a temperaturas extremas. Por fim, o artigo conjectura os riscos dessa condição desigual para a garantia universal dos direitos da infância.

Palavras-chave: infâncias desiguais; socialização no espaço doméstico; cultura do quarto.

ABSTRACT

Texto This article seeks to understand the experience of children's physical distancing from two different social strata. This qualitative study analyzed a set of sixty-five videos produced by children in their domestic spaces. The results show that children from privileged groups experienced the “bedroom culture” with privacy, comfort, and access to information and communication technology. On the other hand, underprivileged groups lived in reduced and overcrowded spaces, subjected to noise and high temperatures. Finally, the article points out the risks of this unequal condition to guarantee the universal rights of children.

Keywords: unequal childhoods; socialization in the domestic space; bedroom culture.

RESUMEN

El artículo busca comprender la experiencia de distanciamiento social de niños pertenecientes a dos estratos sociales diferentes. De carácter cualitativo, analizó un conjunto de 65 vídeos producidos por niños en sus espacios domésticos. Los resultados muestran que los niños de grupos favorecidos experimentan la “cultura del dormitorio”, disfrutando de privacidad, comodidad y acceso a las tecnologías de la información y la comunicación. Por otro lado, quienes pertenecen a grupos desfavorecidos viven en espacios pequeños y densos, sujetos a ruidos y temperaturas extremas. Finalmente, el artículo conjetura los riesgos de esta condición desigual para la garantía universal de los derechos de la niñez.

Palabras-clave: infancias desiguales; socialización en el espacio doméstico; cultura del dormitorio.

Introdução

Não somos iguais nem no sono, nem nas enfermidades, conclui Daniel Roche (2000) ao analisar a história dos móveis nos séculos XVII e XVIII. A verdade dessa ideia perdura há mais de três séculos e foi escancarada durante a pandemia de COVID-19. Como se sabe, para conter a doença, que alcançou o estágio de transmissão comunitária, foi adotado, em diversos países, assim como no Brasil, o distanciamento social como medida sanitária. No entanto, como demonstrado por diversas pesquisas (Costa, 2020; Bega; Souza, 2021), embora haja uma dimensão coletiva nessa experiência, os diferentes grupos sociais a vivenciaram de forma significativamente desigual. Este trabalho busca analisar, a partir dos espaços domésticos, a experiência do distanciamento social de crianças moradoras de uma mesma capital brasileira, porém pertencentes a dois estratos sociais distintos ou, nas palavras de Lahire (2019, p. 161), crianças pertencentes “a dois mundos sociais distintos”.

A pergunta-título deste artigo faz referência ao trabalho *Where children sleep*, do fotógrafo James Mollisson (2010), no qual ele retrata o lugar onde dormem crianças de diferentes condições sociais e culturais pelo mundo. Embora tenha sido traduzido para o francês como *Dans ma chambre* (No meu quarto), no prefácio da versão original, Mollisson confessa ter cogitado o título *Children's rooms around the world* (Quartos de crianças ao redor do mundo). No entanto, logo se deu conta de que a ideia de um quarto infantil deriva de sua

própria experiência e cultura, portanto, não era adequada para compreender outras realidades sociais.

O surgimento do quarto de criança na história da arquitetura é incerto e são poucas as pesquisas que se dedicam ao tema. Contudo, apesar de escassos, esses trabalhos permitem afirmar que destinar um cômodo específico para os filhos, prática naturalizada na contemporaneidade para os estratos favorecidos dos meios urbanos, é, na verdade, uma maneira de habitar construída sócio-historicamente. Na Europa do século XVIII, os quartos infantis eram razoavelmente frequentes nas classes superiores, mesmo assim, sua inexistência não era inconcebível. De modo geral, é possível dizer que os arquitetos só passaram a incluir os quartos de criança nas plantas arquitetônicas a partir do século XIX (Donzelot, 1980; Debarre; Eleb, 1995; Elias, 2012; Perrot, 2010), primeiramente na Inglaterra e na Alemanha e, posteriormente, na França (Perrot, 2010; 2011, Perrinjaquet, 1979).

O caso de Paris se distingue um pouco do resto da Europa. Por lá, a reserva de um quarto para os filhos não surgiu nas casas mais abastadas e foi progressivamente transmitida às classes mais baixas, como se poderia supor. Esse cômodo surgiu, primeiramente, nas plantas das habitações populares projetadas por arquitetos higienistas que assumiram para si o papel educativo do Estado (Debarre; Eleb, 1995).

Se as pesquisas históricas sobre o espaço das crianças na arquitetura domiciliar europeia são exíguas, quase nada sabemos sobre o tema no contexto brasileiro, sobretudo pela intensa pluralidade sociocultural que se manifesta, também, na diversidade das formas de morar. No entanto, as descrições de moradias brasileiras realizadas por viajantes europeus que estiveram por aqui no período colonial levam a crer que, até o século XIX, a arquitetura residencial brasileira raramente reservava um cômodo para as crianças, mesmo as abastadas (Carvalho, 2019). O tema, no entanto, exige pesquisas mais sistemáticas.

Expressão da modernidade, o quarto infantil, assim como a escola, atesta a crescente percepção da especificidade das crianças, o alto grau de individuação que se espera dos adultos nas sociedades industriais e uma mudança significativa na forma como pais e filhos se relacionam (Elias, 2012).

Além de atestar essa transformação nos valores, do ponto de vista material, o quarto infantil se tornou necessário para guardar as posses das crianças diante da progressiva proliferação dos brinquedos e dos livros infantis. Seu surgimento está diretamente associado aos processos iniciais de autonomização cultural desse grupo etário (Benjamin, 2010; Perrot, 2010).

Seja como for, com a crescente industrialização e o surgimento da cultura de massa, os quartos infantis chegam à segunda metade do século XX estampando capas de revistas e manuais de puericultura que, além de difundir um padrão estético, advogam pelo potencial educativo do espaço (Dantas, 2012). Mais recentemente, com o aumento da violência nas cidades e a disponibilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), esses espaços se tornaram ainda mais multifuncionais e deixaram de ser apenas um espaço de dormir e estudar, para abrigar funções como brincar e oportunizar interações, sobretudo virtuais.

Para Glevarec (2010), a relação das crianças com seus quartos se tornou de tal forma estreita e significativa, que o crescimento delas estaria marcado pela gradativa aquisição de uma “cultura do quarto”, ou seja, pela “apropriação progressiva de um espaço próprio” no qual podem exprimir seus gostos pessoais. A conquista de maior autonomia e o crescente distanciamento dos pais – que, para o autor, caracterizam a entrada na “pré-adolescência” – se expressam na utilização de novos suportes tecnológicos e midiáticos, paulatinamente disponibilizados nos espaços domésticos individualizados. Por meio desses recursos, é acentuada a individualização das práticas culturais e o desenvolvimento de relações independentes daquelas estabelecidas ou mediadas por pais e professores.

Com efeito, ainda que, na contemporaneidade, tenha se tornado uma prática naturalizada e um valor indubitável, a disponibilidade de um quarto de dormir continua não constituindo realidade para todos os grupos sociais. No Brasil, enquanto crianças economicamente favorecidas vivem a “cultura do quarto” (Glevarec, 2010), dados do IBGE de 2019 demonstravam que mais de 19 milhões de brasileiros viviam em situação de densidade excessiva (três pessoas ou mais por quarto de dormir), mais de 5 milhões habitavam domicílios sem banheiro e cerca de 2 milhões residiam em casas construídas com materiais não duráveis (Miranda; Cintra, 2022). Não é difícil imaginar que a privação do

direito à moradia possa ameaçar outros direitos sociais das crianças, o que se configura como uma realidade de privações múltiplas que atinge quase 49% da população brasileira com menos de 17 anos (Arévalo; Paz, 2018), um grupo composto majoritariamente por crianças negras (Miranda; Cintra, 2022).

Tampouco o acesso às TIC é democrático. De acordo com a pesquisa TIC Kids Online (CGIBR, 2020), em 2019, antes da pandemia portanto, a quase totalidade das crianças brasileiras residia em lares equipados com telefone celular (98%) e televisão (97%). No entanto, foram identificadas disparidades geográficas e socioeconômicas na disponibilidade dessas tecnologias nas residências com crianças. Em geral, as taxas eram mais altas para meninos e meninas que habitavam áreas urbanas em comparação com os residentes em áreas rurais, assim como para aqueles pertencentes a estratos socioeconômicos mais elevados.

Durante o período da pandemia, foi verificado um aumento na presença de computadores nos lares brasileiros. Em 2019, esses equipamentos estavam presentes em 39% dos lares, percentual que passou a 45%, segundo dados apresentados no Painel TIC Covid-19 (2021). Entre a população de 10 a 17 anos, observou-se um crescimento no uso de computadores de mesa (de 44%, em 2019, para 49%, em 2020) e tablets (de 37%, em 2019, para 45%, em 2020). O aumento mais expressivo ocorreu no uso de notebooks, que passou de 49%, em 2019, para 74%, em 2020. Esse movimento indica uma intensificação do acesso a dispositivos para a realização de atividades escolares remotas. Tal avanço, entretanto, não se distribuiu de forma homogênea: foi significativamente menos pronunciado nos domicílios das classes D e E e nas áreas rurais, o que evidencia a persistência de desigualdades no acesso e nas condições de uso das tecnologias digitais.

As desigualdades nas condições materiais de existência lembram que a inexistência do quarto infantil nas residências não pode ser lida como a tradução literal da desconsideração dos adultos pelas crianças (Perrot, 2011), ao contrário do que Roger Perrinjaquet (1979) sugeriu quando atribuiu a ausência do cômodo nas plantas dos arquitetos a um desprezo por esse grupo etário. Tampouco, a reserva de um cômodo para os filhos é garantia de amor e cuidado parentais.

No entanto, uma vez que a permanência das crianças no espaço doméstico é precoce, temporalmente ampliada e carregada de emoções, não é difícil imaginar a dimensão socializadora desse espaço. Ali, cotidianamente, são incorporadas disposições fortemente ligadas ao *habitus* de classe, o que faz com que as condições de moradia pesem fortemente na produção, na manutenção e no agravamento das desigualdades, inclusive das desigualdades escolares (Lahire, 2019).

Ademais, embora as disposições criadas no espaço doméstico sejam por ele estruturadas, não produzem efeitos apenas no presente. Ao contrário, pela ação do tempo e da familiaridade, essas disposições tendem a se atualizar no futuro, sobretudo na forma de sensações de estranhamento ou na capacidade de “se sentir em casa” diante de contextos diversos ou similares aos de origem.

Pesquisas indicam que morar em uma residência superpovoada teria um efeito negativo sobre o desempenho escolar, e que a repetência é mais incidente entre crianças que dividem o quarto com seus irmãos (Goux; Maurin, 2005). A relação entre moradia e aproveitamento escolar também é o pressuposto de estudos que têm lançado mão do conceito de Home Learning Environment (ou Ambiente de Aprendizagem em Casa) para tentar dimensionar as oportunidades de aprendizagem que as crianças encontram no contexto doméstico (Sammons, 2015; Koslinski et al., 2022). Uma primeira explicação para a relação entre o espaço doméstico e o rendimento escolar viria das oportunidades oferecidas pelos espaços e objetos, mas também das próprias condições materiais para o estudo, como o conforto térmico, acústico ou a presença de escrivaninhas e bibliotecas que fazem da casa uma espécie de anexo da escola (Establet, 1990).

No entanto, além das condições materiais (reais e virtuais) para a realização das atividades escolares, pesquisas qualitativas demonstram que móveis e disposições produzem efeitos simbólicos, na medida em que expressam a narrativa biográfica da criança e as expectativas parentais (Carvalho; Nogueira, 2020). É o caso dos álbuns de fotografias, dos retratos, dos diplomas emoldurados, das medalhas e dos troféus expostos. Uma vez que são selecionados, em geral pelas mães, eles não devem ser lidos como fiel representação da realidade, mas como suportes para a memória que possibilitam construir uma narrativa de si ancorada nas qualidades valorizadas pela família. Além de contar o passado, os espaços e os objetos domésticos

preenchem um futuro desejável, na medida em que expressam expectativas parentais e ajudam a construir o horizonte de possibilidades de cada grupo social. Dito de outro modo, o espaço disponível tende a se converter no espaço do possível (Lahire, 2019).

Durante a pandemia de Covid-19, que levou à suspensão das atividades escolares e à permanência das crianças em casa por um tempo alargado, a relação com os espaços domésticos foi ainda mais estreitada. Para explorar essa relação, este artigo está estruturado da seguinte forma. À esta introdução, que apresenta e discute o tema e o objetivo do texto, segue-se a seção 1, que descreve a metodologia da pesquisa, as ferramentas metodológicas, os territórios da pesquisa e o contexto de produção dos dados. Na seção 2, são descritas e analisadas as condições materiais e as práticas culturais da infância nos condomínios de alto padrão de Belo Horizonte-MG, para melhor caracterizar as condições em que o distanciamento social foi vivido por esse grupo. A seção 3 segue a mesma lógica e estrutura, dessa vez examinando dados referentes às práticas das crianças de uma favela na mesma cidade. Por fim, são formuladas algumas considerações a respeito dos resultados do estudo.

Metodologia, territórios da pesquisa e contexto de produção dos dados

Este artigo se serve de dados produzidos antes e durante a pandemia da Covid-19. Os dados coletados antes do distanciamento social dizem respeito a: a) 29 vídeos de quartos infantis produzidos por crianças para uma tese de doutorado sobre a socialização de crianças moradoras de condomínios situados em uma região de alto poder aquisitivo da cidade de Belo Horizonte-MG; b) quatro vídeos de quartos infantis produzidos por crianças para uma pesquisa de pós-doutorado sobre as dinâmicas espaciais de crianças moradoras da favela Morro do Papagaio, situada na mesma região da cidade. Salientamos que a baixa quantidade de vídeos desse último grupo diz respeito a duas dificuldades, quais sejam, de encontrar moradias com quartos de criança na região, uma vez que muitas famílias habitam em um único cômodo, e de visitar os domicílios durante o período pandêmico.

Por sua vez, os dados coletados durante o distanciamento social dizem respeito: a) 14 vídeos de quartos infantis produzidos por crianças e publicados em redes sociais em resposta a uma atividade proposta aos alunos por uma escola privada de língua estrangeira situada na mesma região de Belo Horizonte-MG onde se deu a pesquisa da tese citada; b) 18 vídeos produzidos por crianças em seus espaços domésticos (não necessariamente quartos) e publicados em redes sociais, que faziam parte de uma ação comunitária organizada por moradores da mesma comunidade onde se deu a pesquisa de pós-doutorado citada e que visavam ao enfrentamento da Covid-19.

Quadro 1 – Fontes dos dados

	Antes da pandemia	Durante a pandemia
Grupos socioeconomicamente favorecidos	29 vídeos produzidos para uma tese de doutorado	4 vídeos produzidos para uma atividade proposta por uma escola privada de língua estrangeira publicada em redes sociais
Grupos socioeconomicamente desfavorecidos	14 vídeos produzidos para uma pesquisa de pós-doutorado	18 vídeos produzidos para ações comunitárias organizadas por moradores da favela visando ao enfrentamento da Covid-19

Fonte: Produzida pelas autoras

Embora apresente grandes desigualdades sociais, o território pesquisado possui o maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da cidade de Belo Horizonte-MG. Esse dado esconde, contudo, um verdadeiro abismo social, uma vez que o Morro do Papagaio é uma favela não periférica (Davis, 2006), cercada por bairros cujo valor do metro quadrado é bastante elevado.

Imagem 1 – Morro do Papagaio, uma favela não periférica



Fonte: Lima (2012)

As pesquisas anteriores (doutorado e pós-doutorado) realizadas neste território contribuíram fortemente para a compreensão das condições de vida e do universo simbólico dos dois grupos de crianças, ao contextualizar os dados produzidos durante a pandemia.

Aqui, as imagens não foram tomadas como um reflexo direto da realidade, tal como conceberia uma perspectiva analítica positivista, mas, antes, como uma construção da qual participam as circunstâncias nas quais elas foram produzidas (Sarmiento, 2014; Bourdieu; Bourdieu, 1965).

No caso deste artigo, o contexto de produção dos quatro grupos de vídeos referidos é bastante diverso. A poucos quilômetros da favela, situa-se uma escola de idiomas que, por questões éticas, aqui será nomeada como *X School*. Ao ter transferido seus cursos para o ambiente virtual durante a suspensão das atividades escolares decorrente da pandemia, a instituição convidou os alunos das turmas infantis a produzirem um vídeo para apresentarem os próprios quartos em língua inglesa, como parte das atividades do semestre. A atividade proposta evidencia duas características da infância em classes favorecidas: a justa pressuposição, por parte dos educadores, da

existência de um quarto para seus alunos; e o investimento familiar na constituição de um “capital cultural internacional”, constituído por competências linguísticas e disposições cosmopolitas (Nogueira, 2010). Também cabe informar que os vídeos produzidos pelas crianças foram postados nas redes sociais. Não é possível saber se elas tinham conhecimento dessa divulgação pela internet antes da filmagem.

O contexto de produção dos vídeos das crianças do Morro do Papagaio é bastante diferente. No início da pandemia, os casos de internações graves por Covid-19 registrados na cidade se distribuíram por todos os grupos sociais. Entretanto, paulatinamente, passaram a se concentrar nas regiões mais pobres da cidade (OSUBH/UFMG, 2020; Mateus, 2020). Essa situação e a percepção da seletividade social das medidas de higiene e distanciamento recomendadas pelas autoridades em face das condições socioeconômicas desse grupo fizeram com que os moradores se associassem para planejar ações que mitigassem os riscos sanitários, econômicos e sociais decorrentes da pandemia. Uma dessas ações, realizada no período em que as escolas da região estavam fechadas, tinha o duplo objetivo de entreter as crianças e sensibilizar os moradores para a adoção de medidas de prevenção contra o coronavírus. Para isso, as crianças foram convidadas a gravar vídeos em que contavam sobre a nova rotina, ensinavam as medidas de higiene necessárias à contenção do vírus e ganhavam brindes em troca dessa participação. Esses vídeos foram postados nas redes sociais a partir de março de 2020 com o conhecimento das crianças, uma vez que a publicação do material era condição para a participação na ação.

A diferença dos contextos repercutiu, entre outras dimensões, na maior ou menor desenvoltura das crianças diante da câmera. Embora os dois grupos de criança sejam razoavelmente familiarizados com a produção de vídeos por meio de telefones portáteis, as crianças moradoras dos condomínios se mostraram mais à vontade, mesmo no contexto em que foram convidadas a apresentar seus quartos falando em inglês. Algumas crianças desse grupo chegaram a nomear a atividade pedagógica proposta de “*tour* pelo quarto”, em referência a uma série de vídeos divulgados no YouTube que são bastante conhecidos por esse grupo etário. Nesses vídeos, os jovens youtubers mostram uma nova decoração, resultado de uma mudança ou reforma, e adotam uma postura ostentatória que não condiz com as condições materiais das crianças do

Morro do Papagaio. Essa, talvez, seja a razão pela qual a maior parte das crianças desse último grupo se mostrou mais acanhada. Por outro lado, as crianças que participaram da ação social se dividiram entre aquelas que pareciam participar apenas por incentivo dos adultos ou pela premiação, e aquelas que compreenderam e assumiram para si a missão de difundir medidas de contenção do vírus dentro da comunidade.

Traçar semelhanças e diferenças entre fenômenos humanos é uma atividade fundamental na construção do conhecimento social. No entanto, a comparação, em seu sentido mais restrito, implica no controle da escala e das categorias analisadas nos dois grupos. Uma vez que esse controle não foi logrado, dado que a pesquisa foi realizada em um contexto cuja produção de dados foi dificultada pelo distanciamento social, trata-se, aqui, mais de uma aproximação contrastiva do que de um trabalho comparativo propriamente dito.

A infância no condomínio

O termo “condomínio” é, aqui, utilizado para designar uma forma contemporânea de morar dos grupos favorecidos, que pode significar um único edifício ou um conjunto deles, no qual geralmente são compartilhadas áreas de serviço e lazer que oferecem a esses grupos uma relativa autonomia em relação ao resto da cidade.

Nos bairros favorecidos da região pesquisada, os condomínios são bastante numerosos. Embora a publicidade desses imóveis prometa uma infância protegida das agruras de uma grande metrópole, neles, as crianças raramente circulam desacompanhadas, nem mesmo quando contam com um ostensivo aparato de dispositivos privados de segurança: portões de entrada blindados, guarda coletiva e privada, sensores de presença, alarmes, câmeras, elevadores e portas com senhas. Entre os muros dos condomínios, as crianças quase sempre circulam acompanhadas por empregados domésticos e, fora deles, deslocam-se preferencialmente de carro. Se essa dinâmica espacial foi lida, por alguns pesquisadores, como um confinamento, vale ressaltar a intensa mobilidade que caracteriza a socialização dessas crianças, uma vez que esse grupo lança mão de práticas extraescolares multiespaciais (Carvalho; Nogueira, 2020): atividades esportivas e artísticas, cursos de idiomas, além de psicólogos,

psicopedagogos e fonoaudiólogos. Essas atividades, tão numerosas quanto diversas, configuram o que vem sendo chamado de *shadow education* (Bray, 2007), ou seja, uma educação extrafamiliar que ocorre em paralelo e à sombra da escola. Além disso, também compõem as práticas culturais dessas famílias, os fins de semana em casas de campo e as viagens de férias nacionais e internacionais (Carvalho; Nogueira, 2020).

No entanto, esses intensos deslocamentos seguem a lógica da “insularização da infância” (Zeiher, 2003), ou seja, as crianças passam de ilha em ilha, sem que a mobilidade lhes garanta vivências e relações diversificadas. Ao contrário, embora os deslocamentos sejam intensos, os espaços frequentados são fortemente seletivos e prevalece a lógica de estar entre os iguais (Pinçon; Pinçon, 2000).

Assim, se podemos falar em confinamento, ele é mais de ordem sociocultural – resultado de um intenso esforço de autosegregação – do que propriamente espacial. Embora a maior parte dos condomínios fechados conte com áreas de lazer, quando não estão ocupadas com as inúmeras atividades que compõem suas agendas, as crianças desse grupo social permanecem em seus quartos, equipados com diversas tecnologias (Frith, 1978; Livingstone, 2002; 2007), o que se configura, verdadeiramente, como uma “cultura do quarto” (Glevarec, 2010).

Fique em casa: crianças confinadas em uma “Wi-Fi zone”

A Covid-19 chegou ao Brasil em fevereiro de 2020 e provocou o fechamento das escolas públicas e privadas no mês seguinte. Naquele primeiro momento, a sociedade se sensibilizava com a necessidade do distanciamento social e replicava, nos diversos meios de comunicação, a expressão “fique em casa”.

Poucas semanas depois, as instituições de ensino privadas, que atendem a maior parte dos estratos sociais favorecidos, transferiram suas aulas para o ambiente virtual, movidas pela crença de que “a educação não pode parar”, mas também pressionadas pelos pais, que questionavam a manutenção do pagamento de mensalidades diante da suspensão do serviço. Embora tenha exigido alguma adaptação das famílias, o ensino remoto foi possibilitado pelo

acesso prévio das crianças desse grupo a computadores, tablets, além de internet estável e sem limitação de dados, como veremos a seguir.

Pelas mesmas razões, as atividades extraescolares praticadas por esse estrato social – de cursos de idiomas a aulas de esporte – foram rapidamente adaptadas ao ambiente virtual. Foi no bojo desse movimento que a *X School* postou, em suas redes sociais, algumas atividades de seus alunos, entre elas, vídeos em que as crianças apresentavam seus quartos em língua inglesa.

Dos 14 quartos apresentados nessa atividade, apenas um era compartilhado com um irmão; todos eram multifuncionais e a maior parte contava com escrivaninha e computador. A exceção era o quarto de uma menina que, no lugar de uma escrivaninha, mostrava uma penteadeira, o que aponta para os cuidados com o corpo que fazem parte do aprendizado social do tornar-se mulher (Carvalho; Nogueira, 2020).

As fotos a seguir, *frames* de um vídeo gravado pelo garoto que aqui será chamado de Bruno, de idade não informada, trazem um quarto individual, bem iluminado e climatizado por um aparelho portátil, com uma parede pintada com tinta para quadro negro onde se lê, em giz, “*WiFi zone*”, entre frases motivacionais.

Imagem 2 – Quarto de Bruno com boa iluminação e ar condicionado



Fonte: Frame do vídeo produzido pela criança

Imagem 3 – Parede do quarto de Bruno que indica acesso à internet sem fio



Fonte: Frame do vídeo produzido pela criança

Em outro vídeo, uma criança que aqui será chamada de Felipe, de idade não informada, apresenta seu quarto assim: *“here, you can see my TV and, under my TV, there is my writing desk, where I can study. This is my game-chair [senta-se nela], it’s very comfortable!”*¹.

A cadeira mencionada pela criança foi projetada e fabricada visando, como público consumidor principal, profissionais que criam jogos digitais e, por isso, passam muito tempo diante das telas. Seu consumo por crianças e adolescentes de classe média e elite remete à preocupação, que se intensificou durante a pandemia, com a adequação do ambiente doméstico para o trabalho de adultos e crianças, como atestam as matérias sobre ergonomia e o aumento de vendas desse modelo de cadeira. Na impossibilidade de conseguir um *frame* do vídeo para mostrar a cadeira sem a criança, utilizamos a imagem disponibilizada no site do fabricante, a fim de preservar a identidade de Felipe.

¹ Tradução livre: “essa é minha TV e embaixo dela está a minha escrivaninha, onde posso estudar. Esta é a minha cadeira *game* [senta-se nela], ela é muito confortável!”.

Imagem 4 – Cadeira gamer da marca Elite



Fonte: Imagem do site do fabricante

Além dos aspectos materiais das infâncias pesquisadas, caberia considerar a linguagem verbal utilizada nos vídeos produzidos pelas crianças. Assim, naqueles postados nas redes sociais pela *X School*, as crianças seguiram a instrução dada pelos educadores, a saber, apresentar seus quartos em língua inglesa. Para isso, utilizaram, preferencialmente, a primeira pessoa do singular e finalizaram a atividade com frases, como: *“it’s perfect for me!”* ou *“I love it!”*. É possível que essa estrutura linguística se deva ao uso pedagógico da língua estrangeira, mas cabe dizer que ela é coerente com a forma desenvolta e segura por meio da qual essas crianças se colocaram na cena do vídeo e na cena social.

Por fim, ressaltamos que, mesmo com todos esses recursos, a pandemia impôs, aos filhos de famílias favorecidas, riscos e sofrimentos que não podem ser desconsiderados: preocupações com a própria saúde e a dos familiares, adoecimentos e lutos, solidão pela restrição do contato com amigos e familiares, sedentarismo e exposição excessiva às telas. Contudo, as crianças desse grupo social dispuseram de espaço, conforto, condições materiais e, até mesmo, serviços profissionais de apoio. Assim, experimentaram a sensação de poder mobilizar recursos para remediar a crise em um dos momentos mais aflitivos da história recente da humanidade. Não há por que pensar que essa experiência não se incorporará ao modo como internalizarão o mundo social.

A quarentena das crianças na favela

Cercada por bairros considerados nobres, a favela do Morro do Papagaio ganhou esse nome por se tratar de uma região onde, em um passado recente, crianças subiam para soltar papagaios ou empinar pipas, como a brincadeira é chamada em algumas regiões. Para a realidade de um grande centro urbano brasileiro, as crianças moradoras da região possuem um significativo grau de mobilidade autônoma, isto é, circulam desacompanhadas em áreas próximas às suas residências (Lansky *et al.*, 2014), embora raramente cruzem a fronteira da favela.

A limitação da circulação ao perímetro da comunidade se associa ao receio das crianças e dos jovens de ultrapassarem esse limite, uma vez que experimentam, cotidianamente, uma realidade que os dados estatísticos expressam de modo brutal: segundo a Comissão Especial de Estudo do Genocídio da Juventude Negra e Pobre da Câmara Municipal de Belo Horizonte (2018), 70% dos jovens assassinados na cidade são negros e moradores de territórios economicamente vulneráveis.

Se, por um lado, a violência provoca a descontinuidade entre a favela e a cidade, por outro, a circulação autônoma das crianças revela uma significativa porosidade entre o espaço domiciliar e as ruas e praças da favela, que resulta em um clima de maior solidariedade na vizinhança, mas que também provoca tensões relativas à privacidade.

No Morro do Papagaio, além de habitações sociais, que são apartamentos de dois quartos oferecidos pela prefeitura em casos de desapropriação, existem casas e sobrados autoconstruídos onde moram uma ou mais famílias, além de barracões de um único cômodo. Nessas construções, os moradores, frequentemente, lidam com má circulação do ar, altas temperaturas, isolamento acústico insuficiente, além dos riscos de infiltrações nas paredes e de deslizamentos de terra em períodos intensos de chuva.

A pesquisa realizada nesse território revelou que são poucas as residências que dispõem de quartos reservados aos filhos e não é possível indicar muitas com essa característica. Os vídeos dos quartos visitados mostraram que, quando existem, geralmente são compartilhados entre dois ou mais irmãos, porque raramente é possível, para essas famílias, separá-los por

sexo, uma vez que dispõem de número reduzido de cômodos por morador (Carvalho, 2021).

Dos quatro quartos visitados, apenas um era individual. Dentre os demais, todos duplos, apenas um contava com escrivaninha. Computadores não foram encontrados. Assim, os quatro quartos de criança visitados na favela pareciam ser, predominantemente, quartos de dormir. A mesa de refeições era o lugar mais escolhido para a realização dos deveres de casa, e a praça, o espaço preferido para brincar.

Ao contrário do que se pode pensar, da quase ausência de quartos infantis, sobretudo daqueles individuais e multifuncionais, com escrivaninhas ou computadores, não se pode deduzir a falta de cuidado (Perrot, 2011) ou mesmo de apoio parental em relação aos estudos. Como mostram pesquisas como a de Érnica e Batista (2011), a pressuposição da omissão parental nas camadas populares tende a desconsiderar condicionantes materiais e formas diversas de organização da vida doméstica, nas quais o cuidado e o acompanhamento escolar se realizam por outros arranjos e práticas. Nesses contextos, o suporte às atividades escolares pode ocorrer em espaços compartilhados e por meio de estratégias cotidianas que não se traduzem necessariamente em infraestrutura específica.

“Se der, fique em casa”: crianças entre os espaços adensados e a rua

Dadas as práticas espaciais que marcam a cultura das crianças do Morro do Papagaio, a suspensão das aulas nas escolas públicas durante a pandemia demandou intensa reinvenção do cotidiano (Certeau, 1994; Guizzo; Marcelo; Müller, 2020), o que implicou, ao menos em um primeiro momento, na restrição da mobilidade a que estavam habituadas e na permanência em espaços pequenos, excessivamente adensados e marcados por precariedades diversas.

Segundo dados do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos ([DIEESE], 2023), em 2022, a maioria dos domicílios brasileiros era chefiada por mulheres. Dos 75 milhões de lares, 50,8% tinham liderança feminina e, desses, 32,2% eram famílias compostas por mãe e filho(s). Além disso, nesse arranjo familiar, estava a menor faixa de renda, se comparada a outros.

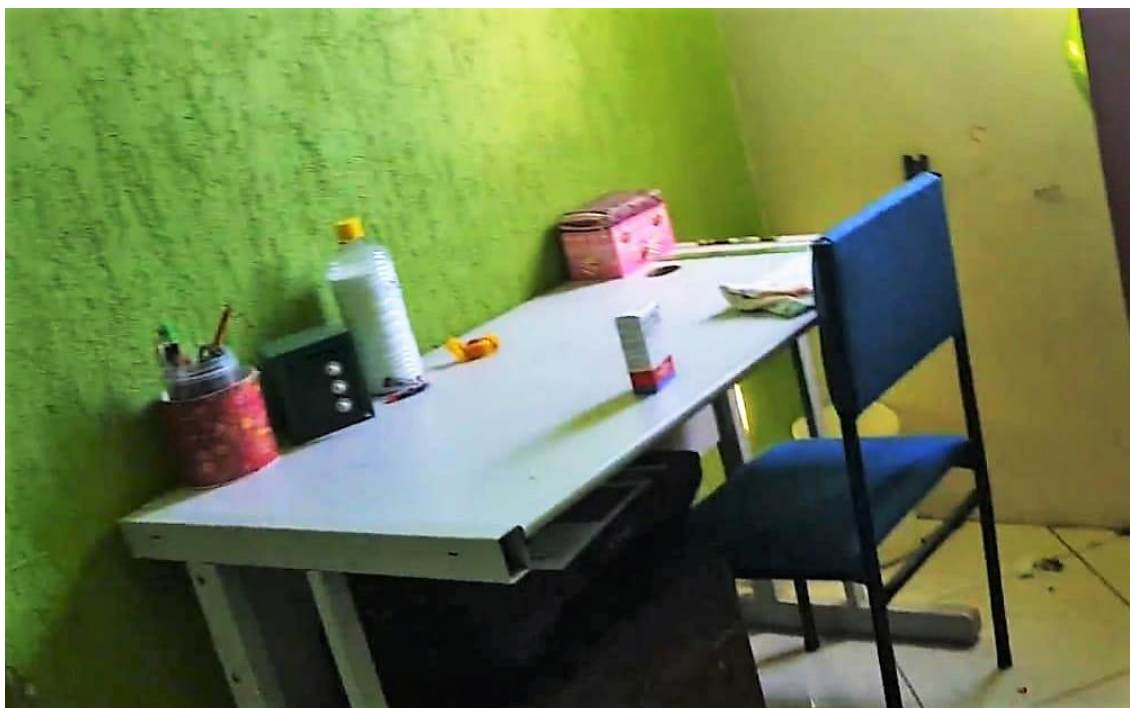
As famílias do Morro do Papagaio seguem essa tendência, ou seja, muitas são chefiadas por mães que enfrentam longas jornadas de trabalho e baixa remuneração, o que, frequentemente, as leva a precisar realizar pequenos trabalhos à noite e aos finais de semana para aumentarem a renda familiar. Dependem, por isso, do atendimento integral das escolas municipais da região e, não raro, do apoio de outros familiares ou vizinhos nos fins de semana para cuidar das crianças.

Habitadas ao contato restrito com pais e irmãos, nos vídeos postados nas redes sociais, algumas crianças lamentaram o fechamento das escolas, mas não deixaram de reconhecer as vantagens do distanciamento social. Para uma garota de nove anos, que chamaremos de Sabrina, “ficar em casa é enjoativo, mas o lado bom da quarentena é que posso passar mais tempo com minha família, jogando com meus pais e meus irmãos”.

No entanto, em uma comunidade com cerca de 17 mil moradores e que conta com quase 2 mil indivíduos analfabetos (Jardim; Pereira, s.d.), a ampliação do tempo em família não resultou em maior suporte às atividades escolares das crianças, cuja realização, aliás, também foi dificultada pela escassez de computadores, dispositivos móveis e internet.

A Imagem 5, *frame* de um vídeo gravado por dois irmãos que serão chamados Douglas e Estela, traz uma perspectiva do quarto deles. Trata-se de um espaço destinado aos estudos, mas que não indica a presença de computador ou acesso à internet.

Imagem 5 – Escrivadinha de Douglas e Estela



Fonte: Frame retirado de vídeo realizado pelas crianças

Se, por um lado, a convivência em família pode significar mais qualidade de vida para as crianças, a falta de privacidade decorrente da menor disponibilidade de espaços/cômodos por habitante, tende a potencializar o desgaste das relações familiares e a aumentar a incidência da violência doméstica, como sugere uma pesquisa sobre infância e violência realizada pelo Centro de Análises Econômicas e Sociais (CAES) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul ([PUC/RS] 2013). Durante a pandemia, o problema foi agravado não só pela intensificação da convivência familiar, como também pelo fechamento das escolas que, tradicionalmente, se ocupam de identificar e encaminhar aos órgãos competentes os casos de violência dos quais as crianças são vítimas.

Com o passar do tempo, a necessidade econômica impediu que os moradores do Morro do Papagaio permanecessem em casa, ainda que essa continuasse sendo a recomendação das autoridades sanitárias para evitar a transmissão do coronavírus. As escolas públicas se viram impedidas de voltar a funcionar por causa da precária infraestrutura física dessa rede. Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep, 2019) anteriores à pandemia, 16% das escolas públicas brasileiras não tinham

banheiro dentro do prédio, 26% não contavam com acesso à água encanada e 49% não estavam ligadas à rede de esgoto. Essa realidade, que dificultaria a adoção de medidas de prevenção ao vírus, foi determinante para que as escolas públicas permanecessem fechadas e só fossem reabertas no início de 2022.

Nesse contexto, a guarda das crianças passou a ser um problema e surgiram diversos arranjos: o apelo a outras mulheres da família que pudessem ficar com as crianças; a atribuição dos cuidados das crianças pequenas aos irmãos mais velhos; a contratação do serviço de “mães crecheiras”, um tipo de atendimento domiciliar de crianças que não é reconhecido pelo estado e, por isso, não está sujeito à fiscalização. Se cuidar, educar e entreter as crianças se tornou um problema, a ação social que as envolvia em um programa de divulgação das medidas sanitárias se mostrou uma solução comunitária paliativa.

No que diz respeito à linguagem utilizada nos vídeos produzidos por essa ação, as crianças participantes, frequentemente, utilizaram frases no imperativo, como “lave as mãos” e “use álcool gel”, e se despediam utilizando a terceira pessoa do plural, com expressões como “tamo junto!” ou “espero que vocês fiquem bem”. Ainda que gravados sob a orientação dos adultos, essas estruturas linguísticas parecem apontar para uma socialização que prima, desde os primeiros anos de vida, pela solidariedade e pelo associativismo.

Assim, a pandemia expôs as crianças moradoras de territórios vulneráveis a novos riscos, além de agravar os problemas sociais preexistentes: o risco da miséria e da violência, a instabilidade econômica, a depreciação de recursos familiares que já eram escassos, e a impotência dos adultos de referência diante de um momento bastante crítico. Por outro lado, a organização social desse grupo estimulou disposições para a ação coletiva como forma de enfrentamento às dificuldades. Parece razoável imaginar que essa experiência participará da forma como o mundo social será internalizado por elas.

À guisa de conclusão

Se o coronavírus foi considerado um inimigo comum a todos os grupos sociais, os recursos para enfrentá-lo foram desigualmente distribuídos entre eles. Por um lado, as crianças pertencentes a meios sociais privilegiados dispuseram de segurança, espaço, privacidade, móveis confortáveis e

ergonômicos, silêncio, regulação de temperatura e umidade, livros (e outras formas de capital cultural objetivado), internet, além de serviços de apoio educacional e terapêutico. De outra parte, diante da indisponibilidade dos serviços de apoio que deveriam ser providos pelas instituições educativas públicas, as crianças da favela vivenciaram a realidade da violência urbana e, por vezes, doméstica, em um espaço residencial reduzido, exposto ao barulho da vizinhança, ao calor e à umidade excessivos. Sem acesso a equipamentos de tecnologia, internet de qualidade, livros e outros materiais educativos, mas também nem sempre podendo contar com o apoio de adultos de referência escolarizados, essas crianças foram impedidas de receber um ensino remoto de qualidade.

Em alguma medida, os resultados obtidos nesta pesquisa já estavam expressos nos dados quantitativos quanto à possibilidade de agravamento das desigualdades da infância no pós-pandemia. Contudo, esperamos que esse olhar para as condições de moradia de crianças que vivem em situações tão desiguais no espaço social confira materialidade para o que se apresentava como uma abstração estatística.

Ao partir da análise das condições territoriais e habitacionais das crianças, o trabalho mostra como a “cultura do quarto” é, na verdade, a cultura da infância de determinados grupos sociais e não pode, portanto, ser universalizada. Chama ainda a atenção para a natureza cumulativa das desigualdades: as condições de moradia afetando o direito à educação, à saúde ou à segurança, mas também há o papel das desigualdades iniciais no recrudescimento das desigualdades posteriores.

Na contemporaneidade, são várias as instâncias – família, escola, vizinhança, mídias – que coparticipam da socialização das crianças e não é possível, evidentemente, creditar ao espaço doméstico tudo o que constitui um indivíduo. Além disso, as crianças não são mero depósito de disposições (Rochex, 2019), mas atores sociais que atribuem maior ou menor peso às diversas e nem sempre convergentes influências às quais estão submetidas. No entanto, não se pode perder de vista que a relação entre as crianças e a estrutura social, com sua tendência a reproduzir a distribuição de capitais econômicos,

culturais e sociais, envolve um jogo de forças intensamente assimétricas, o que se configura em circunstâncias, por vezes, intransponíveis.

Referências

ARÉVALO, Carla; PAZ, Jorge. **Pobreza na infância e na adolescência**. S.l.: UNICEF, 2018. 20p.

BEGA, Maria Tarcisa Silva; SOUZA, Marcelo Nogueira de. Pandemia e efeito-território: a desigualdade social como catalisadora da Covid-19. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 9, n. 21, p. 25-54, 2021. Disponível em: <https://rbs.sbsociologia.com.br/rbs/article/view/rbs.775>. Acesso em: 19 jul. 2026.

BELO HORIZONTE. Câmara Municipal. **Relatório parcial**. Comissão Especial de Estudo sobre o Homicídio de Jovens Negros e Pobres. Belo Horizonte: Câmara Municipal, 2018, p. 1-46. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1rNvnRWGtVdZCpbXDPmOd-Ta4qpv-PtLD/view>. (Acesso em: 2 dez. 2023.)

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. **Obras escolhidas I**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2010, 253p.

BOURDIEU, Pierre; BOURDIEU, Marie-Claire. Le paysan et la photographie. **Revue Française de Sociologie**, v.6, p. 164-174, 1965.

BRAY, Mark. **The shadow education system**: private tutorin and its implications for planners. Paris: UNESCO, 2007. 101p.

CAES. Centro de Análises Econômicas e Sociais. **Infância e violência**: cotidiano de crianças pequenas em favelas do Rio de Janeiro e Recife. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2013. 53p.

CARVALHO, Cibele Noronha de. Quartos das crianças contemporâneas: a construção de um novo objeto de pesquisa. **Pro-Posições**, Campinas, v. 30, e20170176, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8658065>. Acesso em: 19 jul. 2026.

CARVALHO, Cibele. A infância e o território da favela: entre proteção e participação. **Revista Linhas Críticas**, Brasília, v. 27, p. 1-20, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/36018>. Acesso em 19 jul. 2026.

CARVALHO, Cibele Noronha de; NOGUEIRA, Maria Alice. “Nascer em berço de ouro”: o quarto infantil como instância socializatória. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 41, e234058, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.234058>. Acesso em: 19 jul. 2026.

CGI.BR. **Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil 2017** [livro eletrônico]. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR [editor]. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2018. 352p.

COSTA, Antônio Firmino. Desigualdades sociais e pandemia. *In*: CARMO, Renato Miguel do Carmo; TAVARES, Inês; CÂNDIDO, Ana Filipa (orgs.). **Um olhar sociológico sobre a crise covid-19 em livro**. Lisboa: Observatório das Desigualdades, 2020, p. 4-16.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994. 320p.

DANTAS, Tereza. **O mobiliário infanto-juvenil da casa paulistana na década de 1950 e suas relações com o espaço físico da criança**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Davis, Mike. **Planeta favela**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006. 272p.

DEBARRE, Anne; ELEB, Monique. **L'invention de l'habitation moderne. Paris 1880-1914**. Paris: Fernand Hazan Editions, 1995. 536p.

DIEESE. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. As dificuldades das mulheres chefes de família no mercado de trabalho. **Boletim Especial**: 8 de Março, Dia da Mulher. São Paulo: DIEESE, 2023. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2023/mulheres2023.html>. Acesso em: 7 jan. 2023.

DONZELOT, Jacques. **A polícia das famílias**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1980. 210p.

ELIAS, Norbert. A civilização dos pais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 27, p. 469-493, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922012000300003>. Acesso em: 19 jul. 2026.

ÉRNICA, Maurício; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Educação em territórios de alta vulnerabilidade social na metrópole: um caso na periferia de São Paulo**. São Paulo: Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC), 2011.

ESTABLET, Roger. L'école est-elle rentable? **Revue Française de Sociologie**, v. 31, n. 1, p. 158-161, 1990.

GLEVAREC, Hervé. **La culture de la chambre: préadolescence et culture contemporaine dans l'espace familial**. Paris: Ministère de la Culture et de la Communication, 2010. 192p.

GOUX, Dominique; MAURIN, Eric. The effect of overcrowded housing on children's performance at school. **Journal of Public Economics**, v. 89, n. 5-6, p. 797-819, 2005.

GUIZZO, Bianca; MARCELLO, Fabiana; MÜLLER, Fernanda. A reinvenção do cotidiano em tempos de pandemia. **Educação e Pesquisa**, v. 46, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202046238077>. Acesso em: 19 jul. 2026.

FRITH, Simon. **The Sociology of Rock**. Londres: Constable & Company Limited, 1978. 255p.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo escolar da educação básica 2018**: resumo técnico. Brasília, DF: Inep, 2019.

JARDIM, Juliano; PEREIRA, Edmar. Aglomerado Santa Lúcia. **Favela é isso aí**. Blog, s.d. Disponível em: <https://www.favelaeissoai.com.br/comunidades/aglomerado-santa-lucia/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

KOSLINSKI, Mariane Campelo; GOMES, Renata; RODRIGUES, Blenda; ANDRADE, Felipe; BARTHOLO, Tiago Lisboa. Ambiente de aprendizagem em casa e o desenvolvimento cognitivo na educação infantil. **Educação & Sociedade**, v. 43, e249592, 2022. Disponível em : <https://doi.org/10.1590/ES.249592>. Acesso em : 19 jul. 2026.

LAHIRE, Bernard (dir.). **Enfances de classe**: de l'inégalité parmi les enfants. Paris: Editora du Seuil, 2019. 230p.

LANSKY, Samer; GOUVÊA, Maria Cristina; GOMES, Ana. Cartografia das infâncias em região de fronteira em Belo Horizonte. **Educação & Sociedade**, v. 35, n. 128, p. 717-740, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302014128647>. Acesso em: 19 jul. 2026.

LIMA, Rodrigo. Barragem Santa Lucia e comunidade Alto Santa Lucia ou Morro do Papagaio ao fundo em Belo Horizonte. **Blog Nitro Imagens**, 2012. Disponível em: <https://arquivo.nitroimagens.com.br/image/I0000V19I5BarKNU>. Acesso em: 10 jan. 2024.

LIVINGSTONE, Sonia. **Young people and new media**: childhood and the changing media environment. Londres: Sage, 2002. 278p.

LIVINGSTONE, Sonia; HELSPER, Ellen. Gradations in digital inclusion: children, young people and the digital divide. **New Media & Society**, London, v. 9, n. 4, p. 671-696, 2007.

MATEUS, Bruno. Covid-19: estudo sugere que internações graves em BH vêm de áreas vulneráveis. **Jornal O Tempo** [online], 4 jul. 2020. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/coronavirus/covid-19-estudo-sugere-que->

[internacoes-graves-em-bh-vem-de-areas-vulneraveis-1.2356596](#). Acesso em: 10 jan. 2024.

MIRANDA, Caroline; CINTRA, João Pedro. **Cenário da infância e adolescência no Brasil**. S.l.: Fundação Abrinq, 2022. 122p.

MOLLISON, James. **Where sleep les childrens**. Reino Unido: Chris Boot, 2010. 116p.

NOGUEIRA, Maria Alice. Classes médias e escola: novas perspectivas de análise. **Currículo sem Fronteiras**, v. 10, n. 1, p. 213-231, 2010. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol10iss1articles/noqueira.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2026.

OSUBH/UFGM. Observatório de Saúde Urbana de Belo Horizonte da Universidade Federal de Minas Gerais. **InfoCovid-OSUBH**. Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://www.medicina.ufmg.br/noticias/wp-content/uploads/sites/91/2020/06/Informe-OSUBH-n-01-1.pdf>. (Acesso em: 10 jan. 2024.)

PAINEL TIC COVID-19. **Pesquisa sobre o uso da internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2021. Disponível em: file:///C:/Users/DELL/Documents/BNCC%20e%20Curr%C3%ADculo%20de%20Sergipe/painel_tic_covid19_1edicao_livro%20eletr%C3%B4nico.pdf. (Acesso em: 10 jan. 2024.)

PERRINJAQUET, Roger. La genèse de la chambre d'enfant dans la pensée architecturale? **L'Architecture d'Aujourd'hui**, n. 294, p. 89-93, 1979.

PERROT, Michelle. La chambre d'enfant dans l'espace familial. **Journal Français de Psychiatrie**, n. 2, p. 25-28, 2010.

PERROT, Michelle. **História dos quartos**. Tradução de Alcida Brant. São Paulo: Paz e Terra, 2011. 355p.

PINÇON, Michel; PINÇON-Charlot, Monique. **Sociologie de la bourgeoisie**. Paris: La Découverte, 2000. 128p.

ROCHE, Daniel. **História das coisas banais**: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 195p.

ROCHEX, Jean-Yves. La genèse des dispositions, entre socialisation et développement? Conseils d'orientation croisés entre le sociologue et le psychologue. In : SÉVERINE, Depoilly (org.). **La différenciation sociale des enfants**: enquêter sur et dans les familles. Saint-Denis: Presses Universitaires de Vincennes, 2019, p. 73-105.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Metodologias visuais em Ciências Sociais. In: TORRES, Leonor; PALHARES, José Augusto (orgs.). **Metodologia de**

investigação em Ciências Sociais da Educação. Lisboa: V. N. Famalicão, Húmus, 2014, p. 197-218.

SAMMONS, Pam; TOTH, Katalin; SYLVA, Kathy; MELHUIISH, Edward. The long-term role of the home learning environment in shaping students' academic attainment in secondary school. **Journal of Children's Services**, v. 10, n. 3, p. 189-201, 2015.

ZEIHER, Helga. Shaping daily life in urban environments. *In*: CHRISTENSEN, Pia; O'BRIEN, Margaret (orgs.). **Children in the city**: home, neighbourhood and community. Londres: Routledge Falmer, 2003, p. 66-81.

Editor(a) responsável: Marta Nörnberg

Recebido em: 01/06/25

Aceito em: 18/02/26

Cibele Noronha de Carvalho

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, integrante do Observatório Sociológico Família-Escola (OSFE). Pesquisa cultura material, infância e desigualdades sociais.

 cibbelecarvalho@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/3615280332114812>

 <http://orcid.org/0000-0002-9987-7106>

Maria Alice Nogueira

Doutora em Ciências da Educação pela Universidade René Descartes-Paris V na França. Professora Emérita da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisa no campo da Sociologia da Educação, com ênfase nas desigualdades sociais de escolarização e na relação família-escola em diferentes meios sociais.

 malicen@terra.com.br

 <http://lattes.cnpq.br/9543227391255854>

 <http://orcid.org/0000-0001-9664-8335>